

REPRESENTAÇÃO DO CORPO NA MÚSICA “PHYSICAL”, DE OLÍVIA NEWTON-JONH

Bruno Gomes Pereira (UFT)
brunogomespereira_30@hotmail.com

Resumo

Esse trabalho como objetivo analisar como ocorre a representação do corpo humano na canção “Physical”, da cantora Olívia Newton-Jonh, lançada em 1981. Estamos situados no campo da linguística aplicada (LA), adotando a linguística sistêmico-funcional (LSF) como principal aporte para as microanálises. O tipo de pesquisa é de caráter documental, por entendermos que a letra da música em questão ser vista como um gênero discursivo que semiotiza ideologias específicas de um contexto histórico e social. Já a metodologia que adotamos é de abordagem qualitativa, pois lidamos com a ideia de interpretabilidade dos dados. As análises revelam um culto ao corpo masculino e feminino, sendo, muitas vezes, ambíguos em seus sentidos.

Palavras-chave: Música. Representação. Ideologia.

1. Introdução

O corpo é uma das mais antigas ferramentas de comunicação. Nesse sentido, dizemos que a linguagem corporal é, na verdade, uma das formas mais genuínas de interação, visto que é passível de significação e construções semióticas diversas.

Nosso objetivo é analisar como o corpo é representado na letra da música *Physical* (físico em português), da cantora australiana Olívia Newton-Jonh. Partimos do princípio de que a referida canção foi lançada no início dos anos de 1980, época em que o planeta inteiro se rendia à febre dos modismos fitness, o que criou, mesmo que de maneira inconsciente, uma série de estereótipos estéticos.

Além dessa *Introdução*, das *Considerações Finais* e das *Referências*, este artigo é constituído pelas seguintes seções: *Um pouco sobre a linguística sistêmico-funcional*, *A função ideacional* e *Construindo sentidos sobre a representação do corpo na música de Olívia: a estética como pano de fundo*.

2. Um pouco sobre a linguística sistêmico-funcional

A linguística sistêmico-funcional é uma teoria de origem australi-

ana, cunhada por Michael Alexander Kirkwood Halliday, com o objetivo de otimizar o ensino de língua inglesa. De natureza funcionalista, esta corrente de estudos linguísticos entende a gramática como pista linguística ao semiotizar situações específicas do contexto de cultura e do contexto de situação em que os textos são produzidos e veiculados. Não é minha intenção problematizar a definição de contexto na sistêmico. Para maiores informações, consultar Michael Alexander Kirkwood Halliday e Ruqaiya Hasan (1989) e Suzanne Eggins (2004).

Nesse sentido, entendo a gramática como elemento movediço e adaptável ao meio em que opera, uma vez que materializa as ideologias que perpassam o contexto social. A ideia de que o princípio gramatical pode servir como norteador para compreensão de práticas interdiscursivas e ideológicas é condizente com os trabalhos de Cristiane Fuzer e Sara Regina Scotta Cabral (2010), Maria Angelica Furtado da Cunha e Maria Medianeira de Souza (2011), Maria Maura Cezário (2012), Maria Alice Tavares (2012) e Bruno Gomes Pereira (2014a; b), só para citar alguns.

Ao compreender a gramática como pista para propor categorias analíticas, os estudos hallidayanos versam sobre a ideologia do contexto e como isso pode ser gramaticalmente mapeado. Nesse sentido, a gramática da linguística sistêmico-funcional é desenvolvida a partir de categorias específicas, que as diferenciam da gramática tradicional e normativa que conhecemos. Ao revolucionar o ensino de línguas, Michael Alexander Kirkwood Halliday propõe rótulos diferentes, os quais designam papéis diferentes para os mecanismos léxico-gramaticais. Para tanto, o pesquisador propõe um olhar específico sobre a oração e os demais grupos que a compõem. Assim, a oração é vista, gramaticalmente, sob três perspectivas: i) como elemento de representação; ii) como elemento de troca; e iii) como mensagem. Esta proposta, por sua vez, implica nos estudos léxico-gramaticais ao propor as seguintes metafunções da linguagem, respectivamente: ideacional, interpessoal e textual. (Cf. HALLIDAY, 1994; HALLIDAY, MATHIESSEN, 2004; HALLIDAY, MATHIESSEN, 2014; THOMPSON, 2014)

Das metafunções da linguagem citadas acima, me interesse mais de perto pela primeira delas, uma vez que se refere à oração como elemento de representação da leitura de mundo do homem. Nesse sentido, a metafunção ideacional é uma maneira de complexificar os aspectos oracionais como uma maneira linguística de representação de discursos que forças maiores, marcados por ideologias. Estas, por sua vez, ocupam um nível mais profundo de análise linguística a partir da linguística sistêmi-

co-funcional. Entretanto, é necessário dizer que a ênfase que dou à metafunção ora mencionada não descarta o papel léxico-gramatical e semântico das demais metafunções.

De acordo com Cristiane Fuzer e Sara Regina Scotta Cabral (2010), a metafunção ora referida mistura-se às manifestações ideológicas do contexto, construindo representações que se organizam por meio do sistema de transitividade no nível oracional. Falo mais detalhadamente sobre isso na próxima subseção.

3. A função ideacional

A metafunção ideacional é materializada pelo sistema de transitividade¹⁹⁵, constituído pelos complexos oracionais processo + participante + circunstância. Em detrimento da visão estruturalista, conforme indico no rodapé, a ideia de transitividade no funcionalismo sistêmico não atribui seu papel a um único elemento linguístico, visto que os complexos oracionais mencionados se relacionam simultaneamente. Logo, o sentido que confiro ao termo transitividade parte de seu papel funcional, ou seja, não é algo específico de um único complexo oracional, mas sim de toda a oração. (Cf. FUZER & CABRAL, 2010; CUNHA & SOUZA, 2007)

Abaixo, apresento o Quadro 1. Trata-se de um esquema onde é possível compreender a noção do sistema de transitividade:

| COMPONENTES | DEFINIÇÃO | CATEGORIA GRAMATICAL | EXEMPLO |
|----------------------|---|----------------------|---|
| Processo | É o elemento central da configuração, indicando a experiência se desdobrando através do tempo. | Grupos Verbais | A mãe <i>mata</i> o recém-nascido, durante o parto ou logo após, sob a influência do estado puerperal. |
| Participantes | São as entidades envolvidas – pessoas ou coisas, seres animados ou inanimados –, as quais levam à ocorrência do processo ou são afetadas por ele. | Grupos Nominais | A <i>mãe</i> <i>mata</i> o recém-nascido, durante o parto ou logo após, sob a influência do estado puerperal. |
| Circunstância | Indica, opcionalmente, o | Grupos Adverbi- | A mãe mata o re- |

¹⁹⁵ Do ponto de vista mais estruturalista, a transitividade é vista como “a propriedade de um verbo transitivo, isto é, de um verbo seguido de um sintagma nominal”. (DUBOIS *et al*, 1998, p. 599)

| | | | |
|--|--|-----|--|
| | modo, o tempo, o lugar, a causa, o âmbito em que o processo se desdobra. | ais | cém-nascido, durante o parto ou logo após, sob a influência do estado puerperal. |
|--|--|-----|--|

Quadro 01: Componentes da oração. Fonte: Fuzer e Cabral (2010, p. 27)

O Quadro 01 elenca os elementos funcionais que constituem o sistema de transitividade, na linguística sistêmico-funcional, e materializam a metafunção ora referida. *A priori*, é importante ressaltar que os grupos acima enumerados exercem, antes de mais nada, função semântico-pragmática nas relações interdiscursivas em que são realizadas. Logo, não me atrelo apenas ao rótulo gramatical, mas sobretudo o que este rótulo indica na esfera ideológico-discursiva das relações enunciativas.

Os processos são, talvez, os principais elementos funcionais dentro da metafunção ideacional, uma vez que é por meio dele que as outras categorias semânticas são mobilizadas. Nesse sentido, os processos exercem função basilar na funcionalidade da língua, centrando-se neles as partidas semânticas para o processo de representação.

Já os participantes exercem função precípua no que se refere aos efeitos de sentidos causados nos enunciados. Nesse sentido, estão relacionadas a essa ideia as pessoas e coisas que praticam refletem a ação indicada pelo processo. A relação entre grupos verbais e nominais geram a construção de complexos oracionais marcados por ocorrências léxico-gramaticais que pontuam o gênero discursivo, caracterizando-o, consequentemente.

As circunstâncias, por fim, indicam os desdobramentos semântico-pragmáticos dos processos. Tratam-se de circunstancializações que alteram o sentido básico do grupo verbal. Em outras palavras, as circunstâncias propõem um olhar peculiar sob as enunciações, tendo em vista que sua ocorrência é opcional.

Não é minha intenção fazer uma revisão teórica exaustiva sobre o Sistema de Transitividade, bem como dos grupos oracionais que a compõe. Para maiores informações, consultar os trabalhos de Michael Alexander Kirkwood Halliday (1994), Michael Alexander Kirkwood Halliday e Christian Matthias Ingemar Martin Mathiessen (2004), Michael Alexander Kirkwood Halliday e Christian Matthias Ingemar Martin Mathiessen (2014), Suzanne Eggins (2004) e Geoff Thompson (2014).

4. Construindo sentidos sobre a representação do corpo na música de Olívia: a estética como pano de fundo

Nesta seção, apresentamos algumas considerações a respeito da representação e do culto à forma na letra da música Physical, de Olívia Newton-John. Nossa intenção é captar elementos de natureza léxico-gramatical capazes de semiotizar tais representações tendo o contexto de lançamento da música uma das várias influências.

O quadro abaixo é um esquema constituído por duas colunas. Na primeira delas, há a letra original da música em questão, transposta em língua inglesa. Já na segunda, há a versão da mesma traduzida para a língua portuguesa, versão esta a que nos ateremos nas análises.

| Versão original em inglês | Versão traduzida para o português |
|---|---|
| I'm saying all the things that I know you'll like, makin' good conversation | Eu estou dizendo que todas as coisas que eu sei que você gosta, fazendo uma boa conversa |
| I gotta handle you just right, you know what I mean I took you to an intimate restaurant, then to a suggestive movie There's nothin' left to talk about, unless it's horizontally | Eu tenho que dar um jeito em você, você sabe que eu quero dizer Eu te levei a um restaurante intimista, em seguida, para um filme sugestivo Não há mais nada a falar, a menos que seja na horizontal |
| CHORUS Let's get physical, physical, I wanna get physical, let's get into physical Let me hear your body talk, your body talk, let me hear your body talk | REFRÃO Vamos deixar isso mais físico, físico, eu quero mais físico, vamos entrar no físico Deixe-me ouvir falar de seu corpo, falar do seu corpo, deixe-me ouvir o seu corpo falar |
| repeat CHORUS | CORO repetir |
| I've been patient, I've been good, tried to keep my hands on the table It's gettin' hard this holdin' back, you know what I mean I'm sure you'll understand my point of view, we know each other mentally You gotta know that you're bringin' out the animal in me | Tenho sido paciente, eu estive bem, tentei manter minhas mãos sobre a mesa Está ficando difícil de me segurar, você sabe que eu quero dizer Tenho certeza que você vai entender o meu ponto de vista, nós nos conhecemos mentalmente Você tem que saber que você está trazendo o animal em mim |
| CHORUS repeats 2x | REFRÃO repete 2x |
| Oh, let's get physical, physical, I wanna get physical, let's get into physical Let me hear your body talk, your body talk, let me hear your body talk | Oh, vamos deixar isso mais físico, físico, eu quero mais físico, vamos entrar no físico Deixe-me ouvir seu corpo falar, seu corpo falar, deixe-me ouvir o seu corpo falar |

| | |
|---|---|
| Let's get animal, animal, I wanna get animal, let's get into animal Let me hear your body talk, your body talk, let me hear your body talk | Vamos virar animais, animais, eu quero animal, vamos virar animais Deixe-me ouvir falar de seu corpo, falar do seu corpo, deixe-me ouvir o seu corpo falar |
| Let me hear your body talk Let me hear your body talk | Deixe-me ouvir o seu corpo falar Deixe-me ouvir o seu corpo falar |

Quadro 1: Tradução da música Physical.

Fonte: <https://www.letras.mus.br/olivia-newton-john/73336/traducao.html>

FRAGMENTO 1

Vamos deixar isso mais físico, físico, eu quero mais físico, vamos entrar no físico
Deixe-me ouvir falar de seu corpo, falar do seu corpo, deixe-me ouvir o seu corpo falar.

Começamos a análise pelo uso dos processos *vamos deixar, quero, vamos entrar, deixe-me ouvir falar e falar*. O grupo verbal *vamos deixar* funciona como materializador da ideologia de ordem ou pedido. A noção de imperatividade permeia a toda a letra da canção, tendo em vista que o eu lírico parece se impor uma estética corporal divergente da que as personagens da letra da música apresentam.

Nesse sentido, a noção de ordem torna-se algo mais evidente com o uso do processo *quero* que semotiza uma falta de opção a ser seguida. Em outras palavras, não há outra alternativa para as outras personagens que se movimentam no texto, senão renderem-se à vontade do eu lírico. Assim, vincula-se a ideia de corpo escultural e fisicamente bem definido como uma espécie de protótipo de beleza a ser seguida.

Já o grupo verbal *vamos entrar* aparece como uma espécie de atenuante aos exageros de ordem e rigor físico, tratando-se, mais precisamente, de um convite ou estímulo para que os demais desenvolvam em suas respectivas mentes a noção engessada de beleza de maneira voluntária. Por outro lado, do ponto de vista artístico, trata-se de um mecanismo gramatical e funcional de musicalidade.

Já o sintagma *deixe-me ouvir falar* retoma a ideia de corpo enquanto ferramenta de linguagem, atribuindo à forma corporal uma significação pluralizada. Essa multiplicidade de sentidos, oriunda da construção metafórica da canção, dá margem às significações dúbias, sugestivas, capazes de realçar o caráter sensual da música.

Passemos agora ao segundo excerto.

FRAGMENTO 2

Vamos virar animais, animais, eu quero animal, vamos virar animais
Deixe-me ouvir falar de seu corpo, falar do seu corpo, deixe-me ouvir o seu corpo falar

Iniciemos a análise pelos usos dos processos *vamos virar*, *quero* e *deixe-me ouvir falar*. O sintagma *vamos virar* está sendo empregado, evidentemente, em seu sentido figurado. Entretanto, esse recurso de linguagem serve para enfatizar a ideia de que a pessoa deve ter como foco a beleza de um físico bem definido, com curvas bem delineadas.

O processo *quero* revela a vontade do eu lírico em que as demais personagens do texto adotam a mesma estética corporal que ele. Nesse momento há duas possibilidades de interpretação: i) querer o animal pode fazer referência ao fato de exigir a determinação e a força de um animal feroz, capaz de superar seus limites e, com isso, emagrecer, ou; ii) ao fato da própria sensualidade sugerida de maneira transversal na letra da canção.

Já o sintagma *deixe-me ouvir falar* retoma ao corpo como construção de sentido capaz de estabelecer comunicação. Logo, um corpo que não segue um padrão estético pré-estabelecido não pode, e não tem forças, para falar o que o eu lírico espera ouvir. Por outro lado, um físico condizente com a ideia fitness da época já poderia ter movimentos mais sinuosos e, com isso, atender as demandas de uma sociedade mercadológica.

5. *Considerações finais*

Não temos dúvidas de que o corpo é uma maneira multissemiótica de se expressar e, com isso, gerar múltiplos sentidos. Logo, falar sobre a linguagem do corpo numa perspectiva funcionalista e convidar o leitor a repensar o papel histórico e social desta ferramenta de interação.

A música ora analisada, por várias vezes, tenta construir um estereótipo de beleza de corpo por meio de um conceito de padronização ainda hoje muito difundido. Além disso, o corpo é representado como objeto de sensualidade, uma vez que é por meio dele que se torna possível o deslocamento de sentidos, tornando os enunciados dúbios.

Do ponto de vista mercadológico, a música de Olívia Newton-John mostra-se atemporal, ainda hoje, em uma sociedade efêmera e neoliberalista, pois o que se entende por padrões de beleza ainda é, na maioria, cantado na música aqui referida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CEZÁRIO, Maria Maura. Efeitos da criatividade e da frequência de uso no discurso e na gramática. In: SOUZA, Edson Rosa de. (Org.). *Funcionalismo linguístico: análise e descrição*. São Paulo: Contexto, 2012, p. 19-32.

CUNHA, Maria Angelica Furtado da; SOUZA, Maria Medianeira de. *Transitividade e seus contextos de uso*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

EGGINS, Suzanne. *An Introduction to Systemic Functional Linguistics*. 2. ed. London: Continuum, 2004.

FUZER, Cristiane; CABRAL, Sara Regina Scotta. *Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa*. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2010.

_____; TICKS, Luciane; CABRAL, Sara Regina Scotta. Análise sistêmico-funcional para a leitura de textos: O caso da cerveja Devassa. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte, vol. 12, n. 4, p. 883-909, 2012.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. *An Introduction to Functional Grammar*. Hodder Education, 1994.

_____; HASAN, Ruqaiya. *Language, Context, and Text; Aspects of language in social-semiotic perspective*. Oxford: Oxford University Press, 1989.

_____; MATHIESSEN, Christian Matthias Ingemar Martin. *An Introduction to Functional Grammar*. Hodder Education, 2004.

_____; _____. *Halliday's Introduction to Functional Grammar*. 4. ed. London: Routledge, 2014.

PEREIRA, Bruno Gomes. A rainha agora senta no chão: função identitária do sujeito Xuxa na construção interdiscursiva do livro “Fundação Xuxa Meneghel: 25 anos transformando histórias”. *Revista Querubim*, 2016. [No prelo].

_____. *Professores em formação inicial no gênero relatório de estágio supervisionado: um estudo em licenciaturas paraenses*. 2014. Dissertação (Mestrado em Ensino de Língua e Literatura). – Universidade Federal do Tocantins, Araguaína.

SOUZA, Lusinete Vasconcelos de. Gêneros jornalísticos no letramento

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

escolar inicial. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. (Orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

TAVARES, Maria Alice. Gramática emergente e o recorte de uma construção gramatical. In: SOUZA, Edson Rosa de. (Org.). *Funcionalismo linguístico: análise e descrição*. São Paulo: Contexto, 2012, p. 33-52.

THOMPSON, Geoff. *Introducing Functional Grammar*. 3. ed. London: Routledge, 2014.